

BOLETIM ESPECIAL MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA 35

Especial
Estudos Patrimoniais II

PREFEITURA DE LONDRINA
Secretaria Municipal de Cultura

Universidade Estadual de Londrina
Museu Histórico de Londrina

BOLETIM ESPECIAL MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA 35

Boletim Museu Histórico de Londrina. Londrina, v.18 n.35 jan./fev. 2025

Universidade Estadual de Londrina

Reitoria
Prof.ª Dr.ª Marta Regina Gimenez Favaro

Vice-reitoria
Prof. Dr. Airton José Petris

Diretoria Acadêmica do MHL
Prof.ª Dr.ª Edméia Ribeiro

Coordenação Geral
Prof.ª Dr.ª Edméia Ribeiro

Edição
Prof.ª Dr.ª Edméia Ribeiro

Comissão Executiva
Edeni Ramos Vilela
Amauri Ramos da Silva

Presidência da ASAM
Ana Rosa Lunardelli

Editoração
Marina dos Santos Galli

Fontes
Arial
Bad Poser
Bahnschrift

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim Museu Histórico de Londrina / Universidade Estadual de Londrina. Museu Histórico de Londrina. –– Londrina - PR : Universidade Estadual de Londrina, v.1, n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina –– História. 3. Universidade Estadual de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.

PREFEITURA DE LONDRINA
Secretaria Municipal de Cultura
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA
Universidade Estadual de Londrina
ASAM
PARANÁ GOVERNO DO ESTADO

SUMÁRIO

Apresentação 4
Introdução 7
A Chaminé como fragmento das Indústrias Mortari 7
Referências 20
ASAM 22
Normas para publicação 23
Equipe técnica do Museu Histórico de Londrina 24
Museu Histórico de Londrina 25

APRESENTAÇÃO

Era o ano de 1877 quando deixamos a Itália para virmos morar no Brasil, com o intuito de começar vida nova do outro lado do Atlântico, deixando para trás uma história de sacrifícios causados pela rotina da agricultura de sobrevivência e inundações do rio Pó, na Lombardia, nos arredores de Mantova, onde estivemos por quase um século.

Aqui chegando, fomos para o interior do estado de São Paulo, que oferecia dois tipos de serviços para agricultores como nós: a lavoura de café ou a estrada de ferro. Preferimos a estrada de ferro e, durante muitos anos, trabalhamos em meio a trilhos. No entanto, meu bisavô Antonio aprendeu a assentar caldeiras a vapor, pois, na região que morava, era constante o estabelecimento de serrarias e máquinas de café. Numa dessas viagens, sempre acompanhado da esposa, estava em Arcoverde (MG), numa fazenda, quando meu avô Amadeu nasceu. Era 23 de março de 1893. Foi registrado em Mococa e cresceu em Matão, para onde a família se mudou e ele aprendeu o ofício de marceneiro.

No começo do século XIX, com pouco mais de dezessete anos, já era comprador de madeira para serrarias, e então resolve montar uma própria, com a ajuda de dois irmãos mais novos. Tudo ia muito bem, cresceram e também constituíram uma pequena construtora, vivendo do seu negócio. Amadeu viajava constantemente pela Cia. Paulista, Araraquarense e Mogiana em busca de madeira para suprir sua serraria. No começo dos anos 1930, depois da crise mundial de 1929, com o preço do café em baixa, a madeira escasseando e a carestia aumentando, foi procurado por corretores de terras em Matão, para conhecer o norte do Paraná, onde o que mais havia era madeira!

De imediato, não pôde ir, pois a ponte sobre o rio Tibagi ainda não estava pronta. Quando foi inaugurada, em 1935, vai a São Paulo, onde estavam os corretores. Em seguida, pela estrada de ferro Sorocabana com baldeação em Ourinhos, embarca para Londrina, a fim de conhecer o famoso Eldorado aberto pelos ingleses! Devido à exuberância da mata, indicativa da qualidade da terra, não pensou duas vezes e seguiu aos escritórios da Cia. de Terras Norte do Paraná, quando reservou um lote de terras próximo à estação ferroviária existente para instalar a sua serraria. Retorna a Matão, comunica aos irmãos e filhos sua decisão e começa a desmontar o empreendimento que lá construíra há mais de vinte anos, para remontá-lo em novo endereço: Londrina, norte do Paraná.

Em setembro de 1936, a serraria chega, desmontada, a Londrina, com o senhor Amadeu à frente, alguns funcionários, seu pai, os irmãos e

apenas um dos filhos, Alcy, então com dezesseis anos, que já o ajudava em Matão. O outro, Leonel, ficou para dar baixa e acertar contas, até 1938. A serraria começa a funcionar em outubro de 1936, com a primeira chaminé de ferro fundido. O movimento era intenso, vez que se tratava da terceira serraria instalada na cidade e já outras estavam por se instalar, com derrubadas da mata para todos os lados que se olhava. Isso provava o acerto da decisão e da visão empresarial de Amadeu Mortari em procurar um novo lugar para recomeçar, mas que fosse de sua área de conhecimento.

Tudo ia bem, até que acontece o fato mais temido quando se trabalha com vapor: o entupimento de uma válvula aumentou a pressão na caldeira durante a madrugada. Era a madrugada de 6 de novembro de 1939. Como o vigia dormia, não pôde evitar a explosão, ocasião em que voaram todos os tipos de madeira, telhas, partes metálicas e até mesmo a chaminé, por quarteirões de distância, num raio de duzentos metros. O primeiro adulto e testemunha ocular do acidente, senhor Leonel, morava defronte ao portão de entrada e chega de imediato. Em seguida, os funcionários que já moravam em casas vizinhas se acercam para tomar as providências necessárias. Chovia muito, razão pela qual não houve incêndio de grandes proporções, o que destruiria toda a estrutura de madeira.

Como a serraria não podia parar, logo se buscou uma caldeira marítima mais segura e resistente para ser instalada, recuperou-se a chaminé e, em três meses, a serraria volta a funcionar. Contudo, para não correr riscos e aumentar a capacidade de queima de madeira, combustível da caldeira, o senhor Amadeu decide construir uma chaminé adequada para aumentar o potencial de calor das máquinas movidas a vapor. Trouxe de Tambaú (SP) um mestre italiano para a obra. Em 1941, a chaminé da serraria Mortari começa a trabalhar. Em seguida, constroem-se várias outras chaminés na quadra de baixo, onde se instalou uma planta industrial: a Cerâmica Mortari.

Em 1942, a Cerâmica contava com dois setores fabris (que podem ser visualizados em várias páginas deste estudo), destinados à transformação da argila em dois tipos de telhas e tijolos furados: num setor, havia dez fornos e cinco chaminés e, no outro, quatro fornos e quatro chaminés, que queimavam e vidravam as manilhas e peças cerâmicas já produzidas e secas, depositadas no estaleiro coberto.

Esse visual mostrava que a cidade iniciava a sua era industrial. As Indústrias Mortari, mesmo trabalhando com produtos primários, era semiautomatizada; produzia materiais para saneamento básico e transformava árvores em portas e janelas, numa utilizando energia elétrica e noutra, energia do vapor. A chaminé muito rapidamente se integrou à panorâmica da cidade, dando ares do que ocorria, fruto do desenvolvimento que o café proporcionou naquela época. O apito da

Serraria se fazia ouvir em vários quarteirões de norte a sul e de leste a oeste, lembrando a hora de entrar e sair do serviço e mesmo o café das duas da tarde.

No início da década de 1950, essas duas empresas chegaram a ter, juntas, cerca de quatrocentos funcionários. Durante o período, essas duas indústrias, mesmo primitivas, foram um marco na consolidação do desenvolvimento da cidade, pois eram bem estruturadas e administradas, frutos da visão empresarial de quem chegou à cidade e sentiu do que ela necessitava para se desenvolver, tornando o senhor Amadeu Mortari patrono da industrialização de Londrina.

AMADEU ANTÔNIO MORTARI
Londrina, março de 2025

INTRODUÇÃO

Este boletim é parte integrante do projeto “Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural em Londrina: estudos de bens culturais”, na sua segunda fase. O objetivo do projeto é a elaboração de estudos técnicos detalhados de cinco bens que apresentam interesse cultural para a cidade de Londrina, no estado do Paraná. Tais estudos servirão de base para a análise e a execução do processo de tombamento ou listagem dos bens que são considerados de relevância para a preservação municipal. O projeto recebeu financiamento do Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Artístico Histórico-Cultural de Londrina-PR, sendo promovido pela ASAM (Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina).

A legislação de preservação municipal, instituída em 2011, estabelece dois principais mecanismos para a conservação do patrimônio: o Tombamento e a Listagem de Bens de Interesse de Preservação. Enquanto os bens materiais podem ser protegidos por ambos os instrumentos, os bens imateriais são contemplados exclusivamente na Listagem de Bens de Interesse de Preservação.

Em 2016, foi realizado o primeiro tombamento a nível municipal, relativo ao edifício conhecido como antiga Casa da Criança, que atualmente abriga a Secretaria de Cultura. No mesmo ano, a expressão “pé-vermelho” foi a primeira a ser incluída na Listagem de Bens de Interesse para preservação como bem imaterial. Em seguida, em 2020, o segundo bem tombado foi o edifício do Antigo Fórum, em que atualmente funciona a Biblioteca Municipal. Nos últimos anos, diversos outros bens, tanto materiais quanto imateriais, foram reconhecidos como patrimônio cultural de Londrina. Detalhes adicionais sobre esses bens podem ser encontrados nos boletins que documentam os estudos da primeira fase do projeto “Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural em Londrina” e que integram a Coleção Estudos Patrimoniais Elisa Zanon.

De maneira similar à primeira, esta segunda série de estudos técnicos tem o objetivo de fundamentar os futuros pareceres de encaminhamento, tanto para o tombamento quanto para a inclusão na Listagem de Bens de Interesse de Preservação. O projeto engloba uma análise de bens materiais imóveis, como edifícios e praças, além de bens imateriais, incluindo as formas de expressão. O primeiro estudo técnico realizado, abordado neste boletim, foca um bem material imóvel de interesse patrimonial: a Chaminé da antiga Serraria Mortari.

O estudo fundamentou-se nas informações presentes na solicitação para inclusão na Listagem de Bens de Interesse de Preservação, na

bibliografia disponível, no levantamento iconográfico, audiovisual e documental, bem como em entrevistas e levantamentos de campo. As propostas de salvaguarda e as diretrizes de preservação delineadas nos estudos técnicos completos dos bens constituem recomendações preliminares, sujeitas a alterações pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Londrina (COMPAC) no Parecer Oficial e Final de Inserção na Listagem de Bens de Interesse de Preservação.

Para acessar o estudo técnico completo, clique AQUI.

A CHAMINÉ COMO FRAGMENTO DAS INDÚSTRIAS MORTARI

O estudo técnico analisa a Chaminé de alvenaria da antiga Serraria Mortari, localizada na rua Acre, 343, em Londrina [Fig. 1]. Construída entre o final da década de 1930 e início da década de 1940, a Chaminé, devido à sua altura, destaca-se na paisagem urbana e é testemunha do processo de industrialização da cidade. Com a desativação da Serraria Mortari na década de 1960 e da Cerâmica Mortari na década de 1970, muitas chaminés foram demolidas, mas a da Serraria foi poupada por razões de segurança. Nos anos 2000, a área da Cerâmica foi vendida e transformada em um supermercado, enquanto os edifícios da Serraria foram adaptados para uso comercial, mantendo a Chaminé. Em 2024, a tentativa de demolição do bem gerou comoção pública, levando à interrupção do processo e à solicitação de sua inclusão na Listagem de Bens de Preservação Histórica pelo então prefeito Marcelo Belinati.

Figura 1 - Chaminé remanescente da Serraria Mortari



Fonte: Autores (2024).

A identificação de chaminés como Patrimônio Cultural é uma prática já estabelecida em diversos locais, com alguns bens tombados em cidades como São Paulo (SP), Volta Redonda (RJ) e Maringá (PR). Essa prática se justifica principalmente pelo seu valor na "memória do ciclo industrial que moldou o desenvolvimento econômico e territorial da cidade, além de sua importância para a memória coletiva, visto que ela evoca relações de trabalho e sistemas produtivos importantes na história local" (Caires *et al.*, 2025, p. x). Portanto, o valor da Chaminé, objeto deste boletim, está intrinsecamente ligado à história das Indústrias Mortari.

As Indústrias Mortari, criadas e gerenciadas pela família que dá nome ao empreendimento, composta por imigrantes italianos, têm raízes no setor de serrarias muitos anos antes da chegada a Londrina, na década de 1930. Inicialmente estabelecida em Minas Gerais, a família mudou-se para Matão (SP), onde abriu uma serraria e uma construtora. Atraído por uma proposta da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), Amadeu Mortari decidiu transferir a Serraria para Londrina devido ao potencial lucrativo da região e à queda no plantio de café em São Paulo. Em 1936, Amadeu desmontou o maquinário da serraria em Matão e o transportou por ferrovia para Londrina, onde estabeleceu o novo negócio em um terreno de onze mil metros quadrados com localização privilegiada na zona urbana da cidade, próximo à linha férrea e à estação ferroviária.

A criação de uma serraria, apenas quatro anos após o estabelecimento do município, beneficiou-se da abundância de madeira disponível na região, cercada por mata nativa, e do rápido crescimento de Londrina, com a predominância da construção de edifícios em madeira. Em uma das imagens mais icônicas da Serraria Mortari, é possível observar o significativo volume de madeira no pátio da serraria, a mata nativa aos fundos e alguns edifícios em madeira do entorno [Fig. 2].

Figura 2 - Serraria Mortari



Fonte: Acervo do MHL (2024).

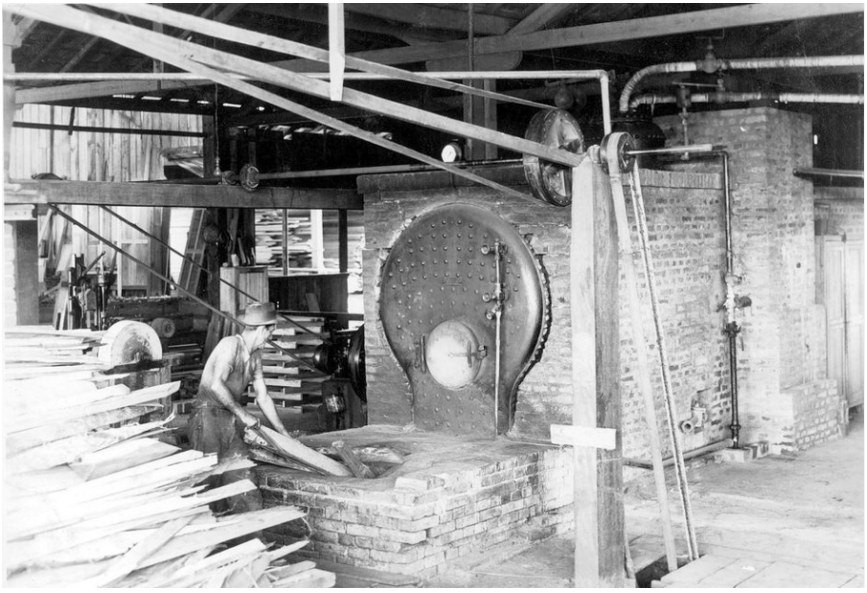
Nos primeiros anos de operação da Serraria Mortari, a chaminé responsável por gerar energia para os equipamentos era metálica e mais esguia. Apenas no final de 1939 e início da década de 1940, a chaminé metálica foi substituída por uma de alvenaria, após a explosão da antiga caldeira que destruiu a estrutura original e parte do edifício da serraria.

> […] foi em 1939… finalzinho do ano […] não dá para esquecer… em um domingo… Segunda Guerra Mundial em andamento… os alemães aí do lado de Rolândia… estão atacando Londrina e explodiram a caldeira… a cidade inteira foi para rua… tinha vigota e caibo lá dentro da ferroviária lá… não feriu ninguém… caiu numas casas, mas não machucou ninguém… foi só o susto. Era pouca gente na época, em 39 (Mortari Júnior, 2024).

A data exata da construção da Chaminé de alvenaria da Serraria não foi confirmada em razão de divergência entre os autores e as fotografias analisadas, variando entre o ano de 1939 e o início de 1942. O funcionamento da Chaminé, de maneira semelhante à metálica, anterior, destinava-se à geração de energia. A caldeira, situada no interior do edifício, direcionava parte do vapor, através de tubulações, a uma casa de máquinas que distribuía a energia gerada para os maquinários da

Serraria (Mortari, 2024). O restante da fumaça gerada na combustão do material na caldeira passava para a Chaminé, que agora se encontrava na parte externa da construção da Serraria. Na imagem a seguir [Fig. 3], é possível observar a parte frontal da caldeira, onde se inseria a madeira a ser queimada.

Figura 3 - Frente da caldeira

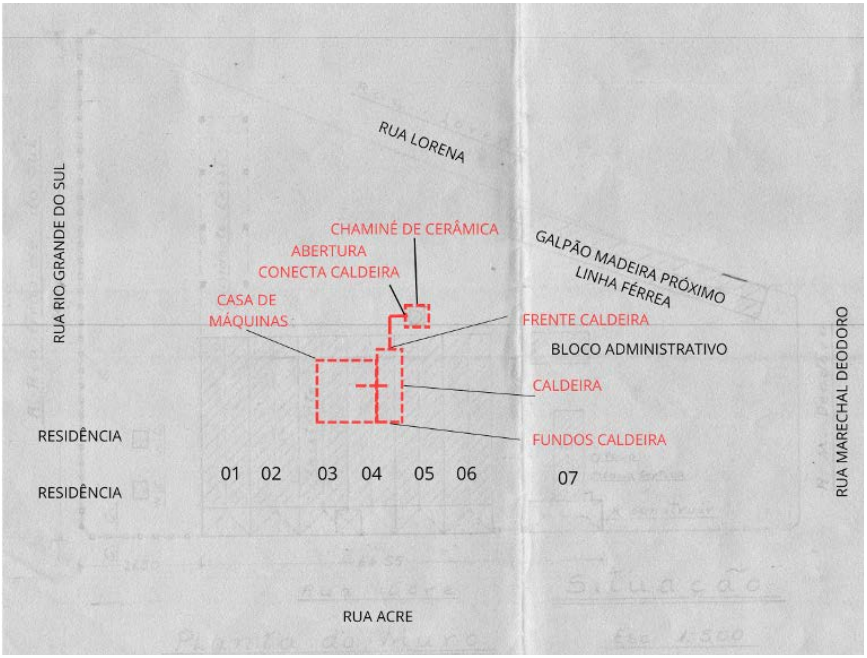


Fonte: Acervo do MHL (2024).

A Chaminé de cerâmica estava localizada próxima à estrutura da caldeira e da casa de máquinas, ou seja, contígua à área central do edifício da Serraria e mais a oeste (em direção à rua Marechal Deodoro, hoje avenida Duque de Caxias), margeando o penúltimo barracão ao sul do empreendimento (em direção à rua Lorena, atual rua Jacob Bartolomeu Minatti).

Na imagem seguinte [Fig. 4], é possível observar a planta baixa das construções preexistentes da Serraria na década de 1940, bem como a localização aproximada da Chaminé, da caldeira e da casa de máquinas. A tubulação de saída da fumaça da caldeira desembocava na face leste do corpo da Chaminé, em uma abertura elevada, localizada no fuste, direcionando a fumaça para cima. Esse processo era potencializado pelo formato cônico mais afunilado da Chaminé, que gerava um efeito de “puxada de ar”, necessário para o funcionamento eficiente da caldeira.

Figura 4 - Esquema aproximado da localização da caldeira, sala técnica e Chaminé



Fonte: Autores (2024).

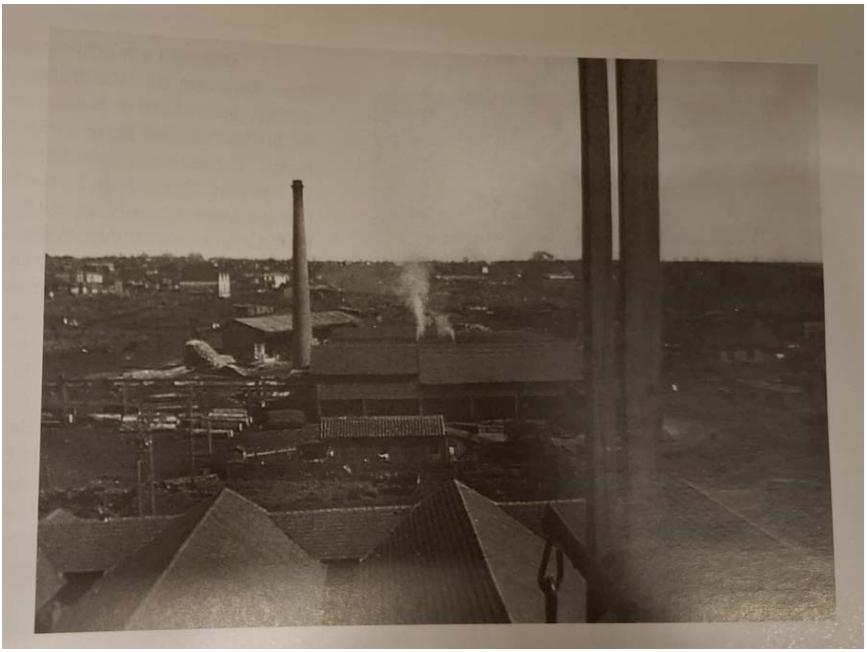
A Chaminé, de aproximadamente 28 metros de altura, foi construída por mão de obra especializada e com tijolos maciços de formato retangular ou triangular, para permitir a criação de seu formato cônico. O assentamento e os tipos de tijolos empregados variam principalmente em função do local de aplicação. Na base da Chaminé, devido ao seu formato quadrado, são empregados majoritariamente tijolos retangulares, com amarrações alternadas em 180 graus (de modo a deixar aparente ora a face menor, ora a face maior do tijolo).

No fuste, por sua vez, foram utilizados tijolos retangulares e variações triangulares, conforme ocorria o afunilamento do fuste da base em direção à coroa, mantendo a face menor do tijolo aparente. Por fim, na coroa, utilizaram-se principalmente tijolos triangulares com acabamento ressaltado, que, além de proporcionar um detalhe decorativo à estrutura funcional da Chaminé, marcava a “assinatura” do construtor de origem italiana (Mortari Júnior, 2024).

Concomitantemente à construção da Chaminé de alvenaria, foi erguida a fábrica da Cerâmica Mortari, que iniciou suas atividades na década de 1940. É provável que parte das grandes chaminés de

alvenaria da fábrica tenha sido construída antes da Chaminé de alvenaria da Serraria, pelo mesmo construtor. Uma das imagens mais antigas encontradas da Chaminé da Serraria foi capturada a partir da estrutura da Cerâmica Mortari, possivelmente de uma de suas chaminés [Fig. 5].

Figura 5 - Serraria Mortari a partir da Cerâmica Mortari



Fonte: Bortolotti (2007).

No início da década de 1940, a redução na disponibilidade de madeira de lei, bem como o aumento das construções em alvenaria na cidade, foram fatores determinantes que incentivaram Amadeu Mortari a diversificar suas atividades empresariais. Além disso, o período foi significativamente influenciado pela Segunda Guerra Mundial (1939–1945), que ocasionou tanto dificuldades quanto oportunidades. Por um lado, houve escassez de combustível para máquinas e caminhões; por outro, surgiram oportunidades para a exportação de pranchas de madeira para a França e Inglaterra, onde eram utilizadas na construção de embarcações (Boni; Unfried; Bennato, 2013).

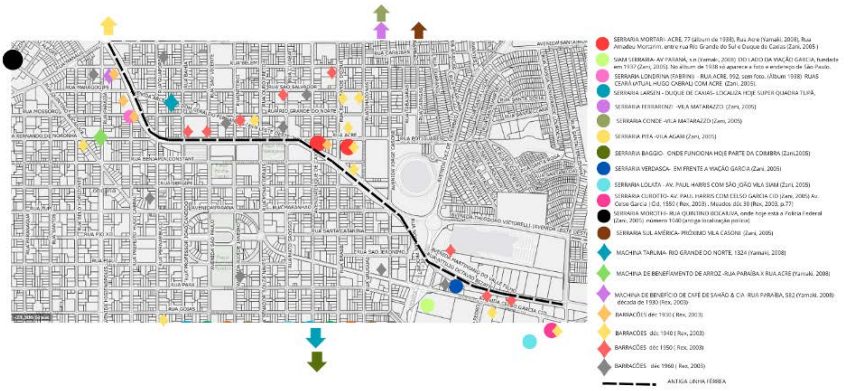
Além da Serraria e da Cerâmica Mortari, a família manteve, nesse período, uma pedreira, a Predial Construtora e uma fazenda, na qual eram produzidos tijolos maciços com as iniciais “CM” (enquanto a Cerâmica Mortari produzia apenas tijolos vazados). Segundo Mortari Júnior (2024),

estes tijolos teriam sido usados na construção da Chaminé da Serraria; no entanto, para Mortari (2024), os tijolos da Chaminé teriam sido encomendados de Leme (SP), e não seriam de fabricação própria. Entre as principais obras realizadas pela Predial Construtora em Londrina, destaca-se a Casa Fuganti, atualmente ocupada pelo banco Sicoob, localizada na avenida Paraná, 646, emblemática no contexto urbano da cidade (Mortari, 1995, p. 22).

As Indústrias Mortari, representadas principalmente pelos grandes empreendimentos da Serraria e Cerâmica, integraram o primeiro Conjunto Industrial de Londrina, situando-se ao norte, às margens da linha férrea. Nos anos iniciais, a madeira foi o primeiro ciclo econômico municipal (Blum, 2006), e logo as serrarias marcariam o primeiro espaço industrial da cidade. Segundo Zani (2005, p. 14), no "final da década de 30 até o final da década de 50, atuaram cerca de 13 serrarias, com uma produção média anual de 40 a 50 mil metros cúbicos de toras de madeira".

No mapa abaixo [Fig. 6], elaborado a partir de dados coletados no Álbum de Londrina de 1938 e 1941, bem como das publicações de Yamaki (2008), Rex (2003) e Zani (2005), é possível observar a configuração aproximada dos estabelecimentos industriais entre as décadas de 1930 e 1960, com a principal concentração localizada nas proximidades da linha férrea ao norte do centro da cidade.

Figura 6 - Cenário dos estabelecimentos industriais, década de 1930 a 1960 (aprox.)



Fonte: Autores (2024).

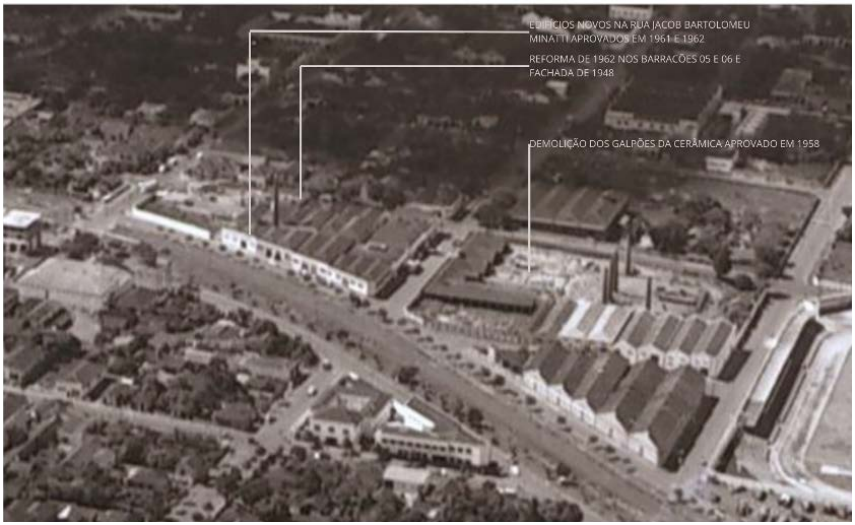
Dessa forma, as Indústrias Mortari formam "um fragmento essencial do processo de urbanização e desenvolvimento industrial londrinense. Sua ampla estrutura e sua localização próxima à linha férrea, contribuíram

para a formação do primeiro conjunto industrial" (Caires *et al.*, 2025, p. x). Ademais, a Chaminé remanescente materializa um marco urbano do início industrial de Londrina.

Além do impacto econômico, a Serraria e a Cerâmica desempenharam um papel crucial na satisfação das demandas do vasto canteiro de obras que caracterizava o contexto de rápido crescimento nos anos iniciais de Londrina, e foram essenciais para atrair um número maior de trabalhadores à cidade, necessários para compor a força de trabalho, muitas vezes especializada, da própria indústria. Conforme relatado por Boni, Unfried e Bennato (2013, p. 90), "em seu período áureo, após a Segunda Guerra Mundial, a serraria chegou a empregar mais de 60 funcionários". Além disso, reportagens do jornal Folha de Londrina, datadas de 30 de agosto de 1953, indicam que as Indústrias Mortari estariam proporcionando trabalho a mais de quatrocentas famílias (Palma, 1953).

Nas décadas subsequentes, a disponibilidade de madeira tornou-se ainda mais escassa, dificultando as operações tanto da Serraria quanto da Cerâmica, que necessitava de material para a queima nos fornos. A falta de matéria-prima e as mudanças no cenário econômico e urbanístico culminaram no fechamento da Serraria Mortari, no final da década de 1960, seguido pelo encerramento das atividades da Cerâmica Mortari, na década seguinte. Após esses eventos, as chaminés da Cerâmica foram demolidas. No entanto, devido à complexidade e ao alto custo do processo de demolição, que, inclusive, causou danos ao entorno, optou-se por não demolir, naquele momento, a Chaminé da Serraria desativada. Considerando o cenário incerto, uma série de edifícios foi construída na quadra da Serraria na década de 1960, e começou a ser locada para armazenagem de produtos diversos, como o café [Fig. 7 e 8].

Figura 7 - Cenário das Indústrias Mortari na quadra 160 e 161, na década de 1960



Fonte: Acervo do MHL (2024), modificada pelos autores (2024).

Figura 8 - Foto aérea da década de 1970, sem as chaminés da Cerâmica Mortari



Fonte: Acervo do MHL (2024).

Após o falecimento de Amadeu Mortari, em 1987, as áreas anteriormente ocupadas pela Serraria e Cerâmica passaram por mudanças. Houve divisão dos lotes entre os herdeiros, venda de terrenos, construção de um hipermercado na antiga quadra da Cerâmica e modificações em alguns barracões na quadra da antiga Serraria. No entanto, a partir da década de 1990, iniciaram-se diversas ações voltadas à elucidação do valor patrimonial local e à sua preservação, incluindo a criação de estudos técnicos e fichas de inventário e a tentativa de transformar a Chaminé, juntamente com a rua interna, em área de utilidade pública, dada a sua importância patrimonial.

As intervenções locais seguiram até alcançar o ápice, em fevereiro de 2024, quando se deu início à demolição não apenas de alguns barracões próximos à avenida Duque de Caxias, mas da única Chaminé remanescente das Indústrias Mortari [Fig. 9]. O início da demolição da Chaminé, em que se retiraram alguns dos tijolos do cume, provocou comoção e mobilização em diversos setores da sociedade, incluindo a esfera política, destacando a importância simbólica do patrimônio para a história de Londrina. Por conta desse engajamento público, os trabalhos foram suspensos, a pedido do então prefeito Marcelo Belinati. Esse movimento sublinha a relevância da Chaminé na memória coletiva de muitos indivíduos londrinenses.

Figura 9 - Trabalhadores iniciando o processo de demolição da Chaminé, em 2024



Fonte: Chaminé será […] (2024).

As ações das últimas décadas voltadas à salvaguarda da Chaminé remanescente das Indústrias Mortari destacam seu valor, não apenas como parte de uma indústria familiar, mas como fragmento do primeiro complexo industrial de Londrina, que testemunhou momentos significativos do desenvolvimento do município e mudanças na zona industrial. Além disso, devido à sua elevada estatura, visível de vários pontos da cidade, a Chaminé configura um marco urbano que contribui para a identidade local e permeia a memória dos londrinenses há mais de oitenta anos, podendo, assim, ser considerada um patrimônio cultural do município.

Vale ressaltar que a Chaminé da Serraria Mortari não é o único fragmento do conjunto industrial inicial londrinense, sendo possível perceber, na própria quadra, alguns barracões antigos das Indústrias Mortari, além do portal da Cerâmica Mortari, na quadra ao lado. Ademais, próxima à antiga localização da linha férrea, existem outros barracões industriais e uma outra chaminé, remanescentes das décadas de 1930 a 1960. Sendo assim, o estudo técnico completo elucida alguns desses locais e a necessidade de ações de preservação para a Chaminé e outros fragmentos preexistentes. Ressalta-se que as diretrizes de preservação são proposições iniciais que podem passar por alterações na deliberação final do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Londrina (COMPAC).

REFERÊNCIAS

BLUM, Luciane. **Desenvolvimento da atividade comercial varejista**: o caso de Londrina-PR. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

BONI, Paulo César; UNFRIED, Rosana Reineri; BENATTO, Omeletino. **Memórias fotográficas**: a fotografia e fragmentos da história de Londrina. Londrina: Midiograf, 2013.

BORTOLOTTI, João Baptista. **Planejar é preciso**: memórias do planejamento urbano de Londrina. Londrina: Midiograf, 2007.

CAIRES, Carla; CAMPOS, Amábile L.; GODOI, Pamela W.; WEDEKIN, Gabriela O.; MARQUES, Ingrid B.; AGNELO, Larissa N., MAESTRO, Wilson C. **Chaminé das Indústrias Mortari**. Estudos Patrimoniais 2 . n. 1. Londrina: Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina, 2025. Disponível em: https://sites.uel.br/museu/estudos-patrimoniais-ii/. Acesso em: 27 mar. 2025.

CHAMINÉ SERÁ demolida no centro de Londrina. **Meio Dia Paraná**, Londrina: RPC Londrina, 21 fev. 2024. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/12374793/. Acesso em: 28 out. 2024.

GOMES, A. M. **Álbum Município Londrina 1938**. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina (NDPH-UEL). Consulta em: 22 nov. 2024.

MHL (Museu Histórico de Londrina). Acervo Fotográfico. Consulta em: 24 out. 2024.

MORTARI, Leonel. Entrevista concedida à professora Conceição Aparecida Duarte Geraldo. Londrina, 8 nov. 1995. Acervo do Museu Histórico de Londrina, Projeto Resgate da Memória Local e Regional do Norte do Paraná.

MORTARI, Amadeu Antônio. Entrevista concedida aos autores. Londrina, 2024.

MORTARI JÚNIOR, Gilseno. Entrevista concedida aos autores. Londrina, 2024.

PALMA, Jorge. Que significam as Indústrias Mortari no acervo de nosso desenvolvimento. **Folha de Londrina**. 30 ago. 1953. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica e Museu Histórico de Londrina da Universidade Estadual de Londrina (NDPH/MHL-UEL). Consulta em: 22 nov. 2024.

QUE SIGNIFICAM as Indústrias Mortari no acervo de nosso desenvolvimento. **Folha de Londrina**. Londrina, 30 ago. 1953.

REX, Ilzângela Keila de Almeida. **Sobrevida dos grandes barracões da década de 30-60 em Londrina-PR**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2003.

YAMAKI, Humberto. **Lembranças e deslembranças**: álbum Londrina 1941. Londrina: Ed. Humanidades, 2008.

ZANI, Antonio Carlos. **Repertório arquitetônico das casas de madeira de Londrina**. Londrina: Midiograf, 2005.

ASAM

O Museu Histórico de Londrina, como tantos outros, conta com a atuação da ASAM (Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina) para o cuidado deste espaço, desde a conservação predial até a expansão de acervos. A ASAM é uma pessoa jurídica privada, sem qualquer finalidade lucrativa, que objetiva a promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico do Museu Padre Carlos Weiss. Com sede e foro na cidade de Londrina (PR), tem Inscrição Estadual Isenta, CNPJ/MF 01.192.562/0001-47, Utilidade Publica Municipal pela lei 10.882, de 24/03/2010, e Utilidade Pública Estadual pela lei 12.198, de 15/07/1998. Foi fundada em 18 de maio de 1995. Uma vez que o Museu se caracteriza como instituição pública, vinculada à Universidade Estadual de Londrina, a ASAM, pela sua constituição jurídica e independência ,é a responsável por captar recursos externos para a manutenção e conservação de acervos e preservação da estrutura predial.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito:
• Título
• Autor(es) com identificação da instituição a que pertence(m) em nota de rodapé;
• Resumo - máximo 50 palavras;
• Palavras-chave - até até 6 palavras;
• Texto com no mínimo 5 e no máximo 10 páginas (Word for Windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3 cm), ou
• Texto com tema único, no mínimo 30 e no máximo 40 páginas;
• Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras citadas no texto).

2. Os textos deverão ser enviados para o e-mail bibmuseu@uel.br, com carta de autorização de publicação anexa ao e-mail.

3. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.

4. Nome completo do(s) autor(es) e seus dados em nota de rodapé.

5. As fotografias e imagens (quando houver) deverão vir no formato digital JPEG, 300 dpi de resolução, com legendas e fotografias e indicação do local a ser inserido no texto. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.

Contato do Museu Histórico de Londrina
(43) 3371-1975 | bibmuseu@uel.br

EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Diretoria Acadêmica
Prof.ª Dr.ª Edméia Ribeiro

Secretaria
Edeni Ramos Vilela

Expografia
Amauri Ramos da Silva

Residência
Carlos Eduardo da Silva Carvalho

Design
Marina dos Santos Galli

Equipe
Alex Pereira; Amauri Ramos da Silva; André Luís da Silva; Mariana Lopes dos Santos Borges; Neiva Lemes Albrecht Batista; Vanessa Andreia Borela Ferreira

Estagiários
Daniele Caroline Antunes; Gabriel Arantes Corrêa; Júlia Oliveira Cebulski; Julia Piovesan; Letícia Fernanda Moraes; Marina dos Santos Galli; Pedro Henrique Ferreira; Thiago Teixeira Carlos; Vitor Marroni Fortuna

MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Rua Benjamin Constant, n.º 900 - Centro, Londrina (PR)
CEP 86010-350
(43) 3323-0082
museu@uel.br | https://sites.uel.br/museu/

REDES SOCIAIS DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

@museuhistoricodelondrina

Facebook Museu Histórico de Londrina

Canal do Youtube do Museu Histórico de Londrina

@museulondrinamhl